

UM LUGAR PARA GUARDAR MEMÓRIAS DA UFRGS: O ARQUIVO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO (2010)

A PLACE FOR KEEPING MEMORIES OF UFRGS : THE ARCHIVE OF THE FACULTY OF EDUCATION

Dóris Bittencourt Almeida¹

Lucas Costa Grimaldi²

Resumo : O presente estudo analisa a constituição do arquivo da Faculdade de Educação da UFRGS, inaugurado no ano de 2010, a partir de ações que visavam a salvaguarda de inúmeros documentos que representam o passado da Faculdade e do Colégio. Afirma-se como lugar para socialização de memórias que podem fomentar a pesquisa acadêmica e a consequente produção de versões da história dessas importantes instituições de formação docente e de educação básica. A organização deste lugar de memória se inscreve epistemologicamente no campo da História da Educação, sendo esta um componente fundamental da história das práticas culturais, em suas interfaces com a História das Instituições Educativas. Dentre a documentação salvaguardada destacam-se os arquivos pessoais e o arquivo de memória oral.

Palavras-chave: Arquivo Escolar; História da Educação; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Abstract: The present study analyzes the constitution of the archive of the School of Education of UFRGS. Inaugurated in 2010, based on actions aimed at safeguarding numerous documents that represent the past of the Faculty and College. It is affirmed as a place for the socialization of memories that can foster academic research and the consequent production of versions of the history of these important institutions of teacher education and basic education. The organization of this place of memory is inscribed epistemologically in the field of History of Education, being this a fundamental component of the history of cultural practices, in its interfaces with the History of Educational Institutions. Among the documents saved, personal files and the oral memory file stand out.

Keywords: School Archive; History of Education; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

“O arquivo age como um desnudamento; encolhidos em algumas linhas, aparecem não apenas o inacessível como também o vivo. Fragmentos de verdade até então retidos, saltam à vista: ofuscantes de nitidez e de credibilidade. Sem dúvida, a descoberta do arquivo é um maná que se oferece (...)” (FARGE, 2009, p. 25)

“No arquivo os rastros foram conservados por uma instituição

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu-UFRGS) – Faculdade de Educação – UFRGS. E-mail: almeida.doris@gmail.com

² Doutorando em Educação no PPGEdu-UFRGS. E-mail: lucascgrimaldi@gmail.com

com o fim de serem consultados por quem esteja habilitado a isto [...]. Armado de perguntas, o historiador se engaja numa investigação dos arquivos” (RICOEUR, 2007, p.188).

A História da Educação no Brasil ainda é marcada por muitos silêncios, entre eles estudos sobre memórias das instituições educativas. Ainda é comum que o passado desses lugares seja pouco conhecido por suas comunidades, o descaso com a memória produz esquecimentos, desse modo, um mutismo em relação ao tempo pretérito parece impor-se nas relações firmadas entre os sujeitos e as instituições que habitam.

Tomamos de empréstimo as palavras de Farge e de Ricoeur para iniciar este texto que discute os significados da produção de um Arquivo de Memórias de uma instituição de formação docente, a Faculdade de Educação (FACED/UFRGS)³, que também abriga documentos do Colégio de Aplicação da Universidade (CAp/UFRGS), tendo em vista as aproximações de ambas as instituições durante muitos anos⁴. Em uma sala do prédio da FACED, de número 610, construímos um espaço que, por meio da salvaguarda de inúmeros documentos que representam o passado da Faculdade e do Colégio, afirma-se como lugar para socialização de memórias que podem fomentar a pesquisa acadêmica e a consequente produção de versões da história dessas importantes instituições de formação docente e de educação básica. Para além das memórias da faculdade, a constituição de um arquivo que também possui memórias da UFRGS se insere no contexto da criação de outros arquivos que têm por iniciativa socializar e valorizar o patrimônio educativo da universidade⁵. Houveram algumas ações pontuais, por parte da reitoria, na década de 1970, para preservação dos documentos da universidade, porém não foram levadas adiante, o que culminou na formação de centros de documentações específicos de cada unidade acadêmica.

3 A documentação salvaguardada, em sua maioria, provém das atividades administrativas da Faculdade de Educação. Destacamos os documentos dos Departamentos (Departamento de Estudos Básicos, Departamento de Ensino e Currículo e Departamento de Estudos Especializados), do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Direção, das Comissões de Pesquisa e dos inúmeros projetos de extensão realizados na instituição.

4 O Colégio de Aplicação foi inaugurado em 1954, idealizado pela professora Graciema Pacheco, cátedra da disciplina de Didática da Faculdade de Filosofia da UFRGS. Suas atividades foram realizadas em diversos espaços da universidade sendo que, no final da década de 1960, o colégio passa a dividir espaço com a recém-criada Faculdade de Educação. Sobre a história da instituição, ver Lima (2016).

5 Nos últimos anos, nota-se a criação de vários departamentos dentro da universidade com a intenção de salvaguardar a documentação histórica, produzir entrevistas e recolher arquivos pessoais. Como exemplo dos novos espaços criados, pode-se destacar o Centro de Memória do Esporte (CEME-UFRGS), Museu da UFRGS, Arquivo do Instituto de Artes e outros.

A organização do Arquivo se inscreve epistemologicamente no campo da História da Educação, sendo esta um componente fundamental da história das práticas culturais, em suas interfaces com a História das Instituições Educativas. Também partilha dos postulados teóricos da História Cultural⁶, corrente historiográfica que se distancia de concepções historicistas, valoriza os sujeitos em uma perspectiva que os coloca como partícipes e fazedores da História de seu tempo e promove a exploração de experiências de mulheres e de homens, por vezes esquecidos pela historiografia. Entendendo a FACED como “lugar memorável” (RICOEUR, 2007), como “esteio de identidades sociais” (DELGADO, 2010), desenvolveu-se o projeto de pesquisa intitulado “Memórias e Histórias da FACED”⁷, que busca, notadamente, por meio de documentos orais e de arquivos pessoais, produzir testemunhos históricos acerca dessa instituição.

Há muitos anos, o prédio da Faculdade de Educação mantém-se como uma espécie de ícone, destacando-se por sua arquitetura modernista, arrojada para os anos 1960⁸, em meio ao Campus Central da UFRGS. Ao longo de décadas, uma grande quantidade de pessoas têm circulado por esse espaço, sendo, para uns, lugar de trabalho e, para outros, local de estudo. Professores, estudantes, funcionários percorrem todos os dias seus dez andares, sozinhos ou em grupos, cada qual com uma intenção, muitos deles com pressa, urgência em seus afazeres cotidianos. Nos arriscamos a dizer que talvez pouco conheçam sobre sua história.

Neste sentido, cabe lembrar que o Curso de Pedagogia foi criado em 1942, na época Faculdade de Educação Ciências e Letras da Universidade de Porto Alegre. Em 1947, a Universidade de Porto Alegre se transformou em Universidade do Rio Grande do Sul, em 1950 passou a fazer parte do sistema federal e em 1970 assumiu a sigla UFRGS, mesmo ano de fundação da Faculdade de Educação. Portanto, as memórias materiais do que hoje se chama Faculdade de Educação, embora muito tenha se perdido, remontam a outros espaços e temporalidades, remontam a um tempo em que nem mesmo a

6 Nóvoa (2005) atribui importância à produção de um outro conhecimento histórico no domínio educativo, que não se limite a uma história meramente institucional, cronológica, estática e unidimensional, por não apreender a complexidade do mundo social e educativo. A História Cultural rejeita uma História da Educação apenas centrada nos fatos tidos como notáveis, que desconsidera a atuação dos diferentes atores sociais.

7 Este projeto teve início em 2010 com a organização do acervo documental da FACED e a produção de um acervo de memórias orais, a partir de entrevistas com antigos professores. Estas ações procuram dar visibilidade às diferentes memórias que constituíram a Faculdade de Educação da UFRGS.

8 Sobre o prédio da Faculdade de Educação, ver Grimaldi e Almeida (2018).

Universidade era federalizada.

Ao longo dos anos, a FACED constituiu-se como referência, lugar de discussão e de produção de saberes relacionados à educação. Em 1970, foi criada e instalada a FACED, produto da Reforma Universitária de 1968⁹, oriunda do Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia. Em 1971, estruturou-se o Programa de Pós-graduação em Educação, um ano depois, implantou-se o curso de Mestrado com três áreas de concentração: ensino, planejamento educacional e psicologia educacional, reconhecido em 1976, sendo o primeiro a obter reconhecimento do Ministério de Educação e Cultura em todo o Brasil. Logo ampliou-se o programa com o Doutorado em ciências humanas em educação com área de concentração: processo ensino aprendizagem em 1977. No Arquivo, também há documentos referentes ao Programa de Pós-graduação¹⁰.

O trabalho que desenvolvemos tem se pautado por uma proposta de reorganização e reflexão constante acerca dos sentidos da construção de um Arquivo de Memórias institucional¹¹. Ao iniciarmos as atividades, no ano de 2010, encontramos os documentos produzidos pelos diversos setores administrativos da Faculdade e pelo Colégio em uma situação de abandono e nenhum tratamento arquivístico. Em uma espécie de depósito, estavam caixas de papelão com muitos papéis empilhados, dispostas em estantes, umas sobre as outras, sem possibilidade de deslocamento. Percebeu-se logo a urgência de uma ação que preservasse o quase esquecido e em situação de deterioração acervo documental da FACED, testemunho da vida institucional, armazenado em condições adversas, por conta da localização em instalações inadequadas e insalubres que colocavam em risco tanto a existência dos documentos quanto a saúde dos que com eles tinham contato. O descuido com essa memória, incorporada nos suportes antigos, contribuía para o esquecimento do cotidiano vivido

9 Sobre a reforma universitária e o contexto da Ditadura Civil-Militar na Faculdade de Educação, ver Almeida; Lima e Silva (2013).

10 Encontra-se salvaguardados as minutas e os esboços para institucionalização do Programa de Pós-Graduação em Educação, além de alguns documentos da primeira equipe coordenadora. Destacamos que guardamos uma pequena parte da documentação, pois grande parte do acervo do PPGedu permanece sob a guarda do pós-graduação.

11 Cotidianamente, realizamos as seguintes atividades no arquivo: Higienização, catalogação e acondicionamento dos documentos; trabalho de análise e identificação da tipologia documental; Recebimento/ organização de Arquivos Pessoais de professores.

por inúmeras pessoas: professores, alunos, diretores, funcionários administrativos, bibliotecários, entre outros¹².

Mas por que enfrentar o desafio de construir um Arquivo de Memórias institucional? O que nos moveu? Como pesquisadores da História da Educação, nosso olhar estava interessado em preservar documentos que, se examinados, poderiam contar histórias da FAGED. Conforme Arlette Farge (2009), os arquivos são vestígios de lugares singulares e complexos que precisam ser desvendados em sua materialidade como um mar no qual se mergulha e onde o afogamento pode ocorrer. Nestes espaços, podemos “captar as falas” e reconhecer “rostos e sofrimentos, emoções e poderes criados para controlá-los” (p.94). Diana Vidal (2005), com base nas observações de Pierre Nora, destaca os arquivos como lugares de memória, lugares duplos enquanto locais de guarda de seus acervos, mas ao mesmo tempo, “constantemente abertos a novas leituras acerca do passado e o presente” (VIDAL, 2005, p.19). Lugares que necessitam de tratamento adequado, com organização e descarte entendidos como procedimentos complementares, situados dentro de um processo técnico, no campo da arquivística, que exige, dessa forma, o diálogo entre historiadores e arquivistas.

Entendemos o passado como alteridade, somos sabedores da impossibilidade de restituir o tempo pretérito. Tendo Certeau (1975) como referência, a única certeza que nos acompanha é que “não se poderia reacender o que a vida apagou” (CERTEAU, 1975, p. 35), então o que nos mobilizou a produzir este Arquivo é um desejo de guardar memórias das instituições e de seus sujeitos, “restaurar um esquecimento, e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram (...)” (CERTEAU, 1975, p. 36), conferir movimento a algo que estava parado, em um estado de quietude. Assim, longe de pensar no Arquivo da FAGED como algo *morto*, o que se vê por lá é muita vida, observado no trabalho cotidiano de professores, estudantes do pós- graduação, bolsistas de iniciação científica que se envolvem com tarefas de higienização e catalogação de documentos, produção de entrevistas, recebimento de arquivos pessoais, além das atividades de pesquisa individual que promovem sentido acadêmico às atividades arquivísticas.

Para além dessas questões, cumpre ressaltar as complexas relações temporais

12 Além da organização do acervo documental, do recebimento de arquivos pessoais e da criação do arquivo de Memória Oral realizamos ações de socialização da memória desta instituição como exposições no evento UFRGS Portas Abertas, participação na organização dos eventos comemorativos da instituição (Aniversário de 45 anos da FAGED).

que se estabelecem em um Arquivo de Memórias. Lá, conservam-se materialidades do passado que são pensadas no presente, mas visam a perenidade, ou seja, passado, presente e futuro estão entrelaçados nos documentos que acumulam camadas de tempo, como estratos de experiência que permanecem ou se modificam em velocidades próprias. Essas concepções permitem ao pesquisador se perguntar “quanto do passado habita no nosso presente?” (KOSELLECK, 2014). Portanto, é o presente que se constitui em uma espécie de guia e, portanto, conduz nossos gestos de guardar, são as problemáticas colocadas no tempo presente que logo se transformam em passados que direcionam nossas ações e intenções acerca do que guardar, por que guardar, para que guardar, para quem guardar.

E que memórias estão salvaguardadas neste Arquivo? Escolano (2017) explica que todos os elementos que compõem as instituições escolares “falam”, evidenciam valores e transmitem informações acerca da escola, da educação e de suas relações com a sociedade em cada contexto histórico. Para Pierre Nora, “[d]esde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história”. A memória, para o autor, se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (Nora, 1993, p. 9). Viñao-Frago (1995) observa que a cultura escolar refere-se ao conjunto de aspectos institucionalizados ao cotidiano do fazer escolar, aos modos de pensar, aos objetos escolares, a materialidade física, enfim, a cultura escolar é toda a vida escolar. O estudo da cultura material escolar não pode ser entendido como simples reflexo das relações sociais. Por outro lado, os modos de uso dos objetos, sua escolha, a receptividade, ausências e presenças de utensílios, os processos de aquisição e procedência, entre outros, são elementos que participaram ativamente da criação, operação, manutenção e/ou desativação das experiências escolares.

Portanto, no Arquivo de Memórias da FACED nos preocupamos em proteger vestígios da Faculdade e do Colégio, a mirada é para aquilo que, por diferentes motivos, sobreviveu ao tempo, considerados por Escolano (2017) “os lixos da escola”, materiais via de regra da ordem do banal mas que podem promover novas inteligibilidades acerca do passado da educação.

Em toda a organização arquivística, estabelecem-se disputas em torno do quê guardar, afinal o que importa conservar? Tudo depende das convicções epistemológicas daqueles que se propõem a este trabalho. Neste lugar, abrigam-se inúmeros documentos

históricos¹³, produzidos pela instituição ao longo dos anos, em suas mais diferentes instâncias. Mas para nós, o “sabor do Arquivo”, valendo-se da metáfora de Arlette Farge, sem descuidar da organização documental oficial¹⁴, reside no recebimento de arquivos pessoais, que inclui o recebimento de documentos diversos, muitos deles escrituras ordinárias, representativos da Faculdade e do Colégio e também a produção de memórias orais dos sujeitos que compõem as comunidades acadêmica e escolar. Esses são os nossos gestos de guardar que promovem a construção de um *Arquivo Vivo*, constituído por memórias esquecidas da Universidade, pois, como alerta Pinsky (2005), esses documentos silenciosos que, em outros tempos, pouco “falavam”, hoje “querem se fazer ouvir”.

É nesta perspectiva que muitos artefatos encontram espaço de acolhida e passam a habitar o Arquivo de Memórias da Faculdade de Educação da UFRGS, afinal “a memória se enraíza no concreto, no espaço” (Nora, 1993). O Arquivo da FACED pode ser compreendido como uma espécie de *refúgio*, em meio às pressões do cotidiano de estudo e de trabalho. Como lugar, garante “vínculos entre passado, presente e futuro” (ANHEIN, 2018, p. 131), afinal mantém-se uma presença de testemunhos de tempos pretéritos que aspiram a presença também no futuro. Se interessa pelos “resíduos da escola que guardam segredos que afetam os silêncios da História da Educação” (ESCOLANO, 2017, p.38). Na esteira desse pensamento, Nora diz que “os lugares de memória são antes de tudo restos” (1993,p.12), restos do que passou, “fragmentos de verdade, ofuscantes de nitidez e de credibilidade” (FARGE, 2009, p. 27). É assim que folhas de papel avulsas e aparentemente com pouco sentido de organização, cadernos íntimos, cadernos de planejamento de aula, agendas, trabalhos de estudantes, fotografias, convites e discursos de formatura, bilhetes por representarem a cultura desta instituição educativa, são recebidos, higienizados e guardados para posterior consulta de pesquisadores. Entendemos a produção e manutenção desses registros como uma espécie de atestado de nossas existências, que nos situam no mundo, são

13 Entre os documentos históricos podemos destacar o acervo da extinta Faculdade de Filosofia da UFRGS (1942-1970). Neste, constam documentos administrativos do curso de pedagogia, periódicos, alguns documentos do Grêmio Estudantil, diplomas, certificados e processos disciplinares do período da Ditadura Civil-Militar. Além disso, também salvaguardamos as atas de criação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação, as atas das reuniões departamentais e dos colegiados.

14 Neste sentido, contamos com o apoio das arquivistas da universidade e toda documentação proveniente dos setores administrativos passa pela triagem a partir da Tabela de Temporalidade de Documentos do Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ.

práticas do “arquivamento do eu” (ARTIERES, 1998, p.30), de construção de si mesmo e de resistência.

Para além do interesse pelos arquivos pessoais, também desenvolvemos um arquivo de memórias orais de professores, funcionários e de estudantes egressos, em constante ampliação¹⁵. Por meio da metodologia da História Oral, produzimos entrevistas e, nestes contatos, procuramos instar cada entrevistado a remexer em suas memórias, buscar velhos papéis guardados acumulados pelo tempo e, assim, fazerem suas doações. Esse não é um trabalho fácil, pois, na maioria das vezes, essas gestualidades de entregar *coisas* que são nossas, que são íntimas, demandam sensibilidade e confiança naquele que se torna uma espécie de guardião das memórias do outro. Na sequência, o texto procura problematizar a produção desses arquivos, tanto orais, quanto pessoais que, com a anuência dos sujeitos implicados, passaram a compor o Arquivo de Memórias da FAGED e do CAP.

Por dentro dos documentos salvaguardados no Arquivo da Faced: os arquivos pessoais

Há algum tempo, movidos por reflexões teóricas acerca do tema, apostamos nos arquivos pessoais, aparentemente mudos, também como potentes documentos da ordem do sensível que trazem, de diferentes modos, memórias institucionais e de seus sujeitos. Sue McKemish (2013) os considera como registros que oferecem “testemunhos de nossas interações com os outros, no contexto de nossas próprias vidas e do lugar que ocupamos nas deles”. São, assim, “provas de nossa existência, de nossas atividades e experiências” (p. 244). Reitera-se aqui a importância do Arquivo de Memórias em questão constituir-se como espaço de acolhida dessas práticas de arquivamento do eu, respeitando as peculiaridades dos modos como cada sujeito organizou suas *reliquias*. Há alguns que se constituem de cadernos íntimos, outros formados por conjuntos de papéis variados, e ainda aqueles, que são formados por cadernos de planejamento escolar. Pode-se dizer que todos, em que pesem suas especificidades, são dotados de complexidade, exigem atenção nas investigações que se debruçam sobre eles. É preciso reiterar o quão duro pode ser doar papéis de foro íntimo, muitas vezes, difíceis de se desapegar.

15 O arquivo de memórias orais da FAGED conta com mais de 50 entrevistas com professores, funcionários e estudantes egressos do Curso de Pedagogia, disponíveis para consulta local.

Delicadeza e amabilidade são atributos importantes que devem se colocar nessa relação que se estabelece entre aquele que faz a doação e aquele que, em nome da instituição, a recebe. Desse modo, ao acolher esses artefatos, procuramos manter uma atitude de reverência diante dos doadores. Consideramos tais artefatos como verdadeiros relicários, pois poucos sobrevivem à sua vida útil, tendo em vista que, na maioria das vezes, o descarte costuma ser seu destino final. Neste sentido, Cunha reflete acerca desses documentos, concebidos como “reliquias” e explica que “trazem consigo histórias, acontecimentos, lembranças, memórias, pois que estão imbuídas de significados e de qualidades de representação que vão além de suma situação original” (2007, p. 84).

Por que e por quem esses objetos foram guardados? Quais as condições e motivações que permearam a doação para um Arquivo público? Cunha (2015) explica que esses acervos “nascem da desordem, eles também supõem mãos que manipulam e classificam os documentos, olhos que vigiam o escrito, cheiros que despertam memórias” (CUNHA, 2015, p.16). Neste sentido, cabe dizer que os atos de doação, em geral, não são espontâneos, isso seria pouco provável, por vezes, são nas entrevistas que acontece uma possibilidade efetiva de sensibilizar para a futura doação. Em outros momentos, é remexendo em gavetas e armários dos professores na Faculdade que preciosidades para a História da Educação são identificados¹⁶.

No Arquivo da Faculdade, esses conjuntos documentais são importantes, poderíamos dizer que são nossas *meninas dos olhos*. Percebe-se que muitos deles foram fabricados com artesanato, ao longo de anos, em que estão implicadas dimensões autobiográficas na sua construção. Arquivar é um modo de testemunhar, de deixar registradas nossas memórias, nossas relações com os outros, enfim, *nosso lugar no mundo*. Embora carreguem uma marca institucional, esses objetos são dotados de algo pessoal. Trazendo mais uma vez Sue McKemmish (2013) para a discussão, esses cadernos constituem-se em “provas de mim”, mas também “provas de nós”, ou seja, representam indícios da cultura escolar daquela instituição especificamente e das temporalidades em que se inscrevem.

16 Comumente, os professores da Faced guardam seus materiais de estudo e pesquisa em armários localizados nos corredores da instituição. Muitos professores, após seu processo de aposentadoria, se esquecem de esvaziar esses armários, por isso, muitas vezes somos chamados para realizar uma triagem nesses documentos “esquecidos” que acabam constituindo ricos arquivos pessoais.

Entre os arquivos pessoais¹⁷, destacam-se cadernos, tanto íntimos quando de planejamentos. Notadamente em relação a esse tipo documental, enquanto fontes para o campo da História da Educação, reforça-se aqui que houve um tempo em que não tinham a notoriedade que hoje possuem. Mas, diante do contexto da ampliação da noção documental, esse suporte de escrita passou a ser valorizado, em sua interface com “a preocupação dos historiadores em examinar o vivido na sala de aula” (MIGNOT, 2008, p. 7). Castillo Gomez (2012) observa o quanto vem se alargando o interesse por esses documentos, como uma dívida da História da Educação para com os materiais da ordem do comum, e, ao mesmo tempo, enfatiza a “inquietude por sua busca”, afinal, sabemos que não são produzidos com vistas à perenidade. Tal situação reforça o entusiasmo dos pesquisadores ao se depararem com esses conjuntos documentais. É como o encontro de *tesouros* que podem, enfim, serem explorados pela historiografia.

Para além dos documentos escritos: Arquivo de memórias orais

Antes mesmo da atenção para com os arquivos pessoais, emergiu uma vontade de construir outro arquivo, ancorado em memórias orais daquelas e daqueles que viveram na Faculdade e no Colégio um tempo importante na sua formação como estudantes, funcionários e professores. Justino Magalhães (1999) explica as profundas aproximações entre as memórias das instituições educativas e seus sujeitos, em suas palavras “Uma memória constituída por relatos e representações, simbólicas ou materiais (...). Uma memória integrada nas práticas do cotidiano (MAGALHÃES, 1999, p.69)”.

Para tanto, elegemos a História Oral como metodologia. Sensibilidade, cumplicidade, respeito, atenção à fala do outro (Errante, 2000), além de solidariedade são características essenciais de quem escolhe esses caminhos de pesquisa que valorizam as narrativas de diferentes sujeitos. A vivência de tantas entrevistas permite dizer que o estabelecimento da “ponte interpessoal” (Errante, 2000, p.152) tem seu início antes do primeiro encontro, por e-mail ou contato telefônico, quando se operam as primeiras aproximações. A partir daí, a forma como a pessoa recebe o entrevistador, a sua preparação para aquele momento, o grau de disponibilidade para falar, tudo isso

17 Alguns documentos que temos nos arquivos pessoais: papeis doados pelo professor Balduino Andreola, agendas da professora Luzia Garcia de Mello, cadernos de planejamento da professora Isabel Loss, memoriais das discentes do curso de Pedagogia, trabalhos de alunos, fotografias, cartas e outros.

contribui e consolida as possibilidades de interação. A metáfora da ponte pode valer para lembrar a importância da busca pela constituição de uma relação de confiança entre aquele que indaga e aquele que se propõe a falar acerca de sua vida e, segundo Zago (2003), é condição *sine qua non* da produção de dados significativos, enfim, garantia da fecundidade das entrevistas (p.302).

Servidores e estudantes egressos carregam em suas memórias os percursos, não só da instituição, mas dos processos pelos quais historicamente passou a educação em âmbito nacional e regional, o que justifica entrevistá-los evitando o apagamento das práticas educativas relativas a um tempo e lugar. Trata-se, então, da produção de memórias de uma instituição de formação de professores e de um colégio em que se articulam vivências sociais e educativas no contexto em que ocorreram, permitindo interconexões entre as diferentes histórias vividas pelos sujeitos e as condições materiais nas quais se produziram determinados processos educativos.

Entende-se que as pesquisas que operam com documentos orais oferecem uma dimensão singular de aproximação com o tempo vivido. Os encontros com os narradores, quando se busca capturar instantes de memórias, apostando no poder do “pequeno milagre do reconhecimento” (Ricoeur, 2007, p. 125), em muitos casos constituem momentos de fecundidade das relações humanas. Sabemos que o ambiente aonde acontecem as entrevistas deve ser avaliado com cuidado, procurando garantir que haja o mínimo de interferências e que o lugar escolhido promova a imersão nas lembranças do passado. Para a constituição deste arquivo, deixamos que o entrevistado decida o lugar que, na maioria das vezes, acontece nas dependências da própria Faculdade. Tal escolha produz um alto poder evocativo das memórias, uma vez que estar no prédio, facilita o trabalho de lembrar. Conversar com as pessoas, perceber como se movimentam no prédio procurando antigas referências a lugares que por vezes não existem mais, buscando colegas que talvez já nem estejam mais nos antigos postos, escutá-los, observá-los, olhar outras memórias pessoais que comumente trazem para as entrevistas... são momentos preciosos, em que podemos nos acercar das marcas de um outro tempo. Os sentidos de humanidade promovidos pela História Oral (Prins, 1996) calam fundo nos pesquisadores, que encontram em tal metodologia de pesquisa novas formas de compreensão do passado, formas com as quais se identificam.

Há que se considerar que no documento oral, trabalha-se com a interação da narrativa, da imaginação e da subjetividade. A fala é suscetível às vicissitudes de cada momento, todavia, não significa que a memória seja intangível, pelo contrário, permite a aproximação de verdades que se quer produzir sobre o vivido. E guarda o mérito de trazer à tona nuances do passado, que podem estar esquecidas e que, por vezes, se encontram inatingíveis em outras formas de documentação, além de dar visibilidade aos sujeitos na construção da história. Interessa, pois, o fio narrativo que cada depoente escolhe para contar sua história. “As entrevistas são eventos que contam” (ERRANTE, 2000, p. 143), esta máxima acompanha o desenvolvimento da produção do arquivo de memórias orais, que é um trabalho contínuo, sempre aberto a novas possibilidades de produção de narrativas. As memórias são labirínticas, plurais e indomáveis, portanto, por mais que exista um roteiro de entrevista, por mais que o pesquisador se esforce para conduzir este evento de modo direcionado, é o depoente quem decide o rumo da conversa. Ele escolhe o que quer falar.

Outra questão que emerge nessa discussão é pensar nas possíveis potencialidades e fragilidades dos arquivos de memória oral. Afinal, para quem pesquisa nestes documentos, está trabalhando com História Oral? Aqui postula-se que sim, apesar das interdições, pois o pesquisador não produziu o documento, ou seja, não participou da construção do roteiro, nem mesmo do evento da entrevista. Tem acesso à transcrição e aos áudios. Mas, mesmo assim, está em contato com um documento que tem sua origem na oralidade que foi transposto sim para a cultura escrita, mas não perdeu sua especificidade. Produzir memórias orais também é prioridade em nossos gestos de guardar. Por meio da conservação das narrativas em cultura escrita, as vozes dos sujeitos entrevistados permanecem em um estado de perenidade. Seriam esses arquivos um modo de eternizar a presença dos narradores no presente e no futuro? Acreditamos que sim.

Até 2018, desenvolveram-se 46 entrevistas com professores que abordaram a história de vida, enfatizando a formação profissional, as vivências no ensino superior, o ingresso na Faculdade de Educação e a trajetória construída na Universidade. Cabe salientar que a busca pelos entrevistados obedeceu a certa intencionalidade, ou seja, o critério fundamental foi ter muitos anos de vivência na Faculdade e que alguns professores foram entrevistados mais de uma vez, por causa da riqueza narrativa de

suas evocações. Assim, foram vários os questionamentos que se apresentaram aos sujeitos envolvidos. Quem são eles? Quais percursos realizaram até o ingresso na Faculdade? Que lugares de sujeito ocuparam ao longo dos anos de trabalho na Faculdade? Como desenvolveram seu ofício? Quais as circunstâncias históricas vividas na FACED que perpassaram suas vidas? Que aspectos foram preponderantes em suas trajetórias? Em que medida assimilaram os discursos educacionais vigentes e como essa assimilação interferiu na composição de suas identidades? Que significados as experiências docentes lhes deixaram? Quais pessoas foram importantes ao longo da História da Faculdade?

Também foram desenvolvidas 6 entrevistas com estudantes egressos do Curso de Pedagogia e 2 entrevistas com funcionários da Faculdade. Salientamos que algumas dessas entrevistas foram produzidas no contexto de projetos de dissertação, iniciação científica e monografia de conclusão de Curso de Pedagogia. Das 46 entrevistas produzidas, 3 foram constituídas a partir do projeto de iniciação científica “Memórias da presença negra na Faculdade de Educação”; 3 entrevistas sobre memórias de antigos alunos da faculdade, 3 entrevistas sobre memórias da professora Mérión Campos Bordas e 5 entrevistas com memórias de professoras do Colégio de Aplicação.

Dentre as temáticas evocadas nas entrevistas, pode-se destacar: biografias, colégio de aplicação, greves, ditadura-civil militar; a década de 1970 na FACED; Participação e política: anos 1980/90; o projeto PERICAMPUS; a emergência do Pós-estruturalismo na FACED; a emergência da temática das Relações de Gênero na Faced e a criação do GEERGE; o Programa de Pós-Graduação em Educação; Relações de pertencimento; pessoas memoráveis. Destacamos a temática das relações com o espaço da Faculdade como a mais recorrente no processo de evocação de memórias, afinal como diz Paul Ricoeur (2007), os lugares são “memoráveis”. Neste, encontramos o espaço relacionado às transgressões dos estudantes, como local de pertencimento e também como um espaço de disputa, principalmente entre o Colégio de Aplicação e Faculdade de Educação.

“Narrativas de memória são narrativas de identidade” (ERRANTE, 2000), assim, entende-se o quanto as memórias desses sujeitos professores da FACED assumem o tom autobiográfico, em que se estreitam as relações entre memória e sentimento de identidade.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 85).

Nota-se que esses entrevistados lembraram daquilo que viveram e vivem na FACED cotidianamente e incluíram suas vivências pessoais nessas histórias, como se fossem dois tempos, dois caminhos trilhados paralelamente, de um lado a vida profissional, de outro as trilhas da vida privada que se confundem e se atravessam, constantemente.

De alguma forma, aqueles elos que uniam os docentes no passado, quando ressentiam-se da presença dos governos militares e depois nas lutas pelas melhorias no ensino superior público, ainda se manifestam talvez de forma mais sutil, mas não menos evidente. Os laços que os aproximavam estão presentes ainda hoje, pois a FACED continua sendo um espaço de muitas lutas políticas pela educação, lutas que se desdobram em diferentes nuances. Nesse sentido, cabe enfatizar a última pergunta que, comumente, fazemos aos nossos entrevistados: Quais perspectivas da Faced para o futuro? Como você enxerga a Faced no futuro? Muitos projetam a faculdade como um esteio, lembrando o passando de lutas pela educação pública plural, democrática e de qualidade. A riqueza deste acervo reside no cruzamento entre passado, presente e futuro da educação brasileira.

Finalizando

Neste texto, discutiu-se a constituição do Arquivo da Faculdade de Educação/UFRGS, considerando questões epistemológicas implicadas na construção desse lugar de arquivamento de memórias institucionais e de seus sujeitos, sobretudo professores e estudantes. É Paul Ricoeur quem nos diz “para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar” (RICOEUR, 2007, p. 40). Essa máxima atua como um indicador do por que *manter vivo* um Arquivo de Memórias institucional.

São fecundas as relações que se estabelecem entre o passado educacional e o presente em que vivemos. Essas inter-relações despertam o interesse pela História da Educação e demonstram o significado em estudar o pensamento e os contextos de outras

épocas educacionais. A ação do tempo tende a apagar rastros, portanto os gestos de guardá-los são verdadeiras atitudes de resistência diante de um presentismo que se instala, em que parece haver pouco espaço para reflexões acerca do passado. Guardar e produzir memórias também são modos de reconstruir processos identitários das instituições educativas e de seus sujeitos, para que não se esqueçam, para que não se apaguem.

Entre as decisões acerca do que guardar e do que descartar, várias questões se impõem. Primeiramente, as leis arquivísticas, com suas normativas que determinam, pelas tabelas de temporalidade, o que se deve preservar. Por outro, nossas sensibilidades nos conduziram a construir o Arquivo da FACED, promovendo um destaque para documentos orais e arquivos pessoais de sujeitos que foram *marcados* pela Faculdade e/ou pelo Colégio, e também de olharmos os documentos correntes com a lente da História da Educação, tornando documentos que poderiam ser descartados, segundo as leis da arquivística, como potentes para a pesquisa em História da Educação.

Por fim, ficam aqui algumas reflexões acerca dos desafios que se colocam para qualquer instituição, notadamente as públicas, que enfrentem a construção de Arquivos de Memórias. Quais as condições, em sentido lato sensu, das instituições, condições estruturais, financeiras? Quais são as prioridades das instituições, os campos de disputas que se estabelecem? Quais as condições de trabalho/demandas de estudantes e de professores? Para que e para quem guardar? Para a instituição, comunidade, pesquisadores? Qual é o passado que se deseja preservar? Qual a formação desenvolvida que sensibilize para o guardar? Como envolver professores, estudantes, comunidade nos gestos de guardar? Como fomentar sentidos pedagógicos no trabalho em um Arquivo de Memórias? Todas essas não são questões fáceis de serem respondidas, muito menos comportam respostas únicas. Exigem, isso sim, meditação contínua daqueles envolvidos com os gestos de guardar. Afinal, como diz o poeta “guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la, em cofre não se guarda coisa alguma, em cofre perde-se a coisa à vista, Guardar uma coisa é [...] admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado [...], é velar por ela, isto é, estar acordado por ela” (Antonio Cícero).

Encerramos este escrito parafraseando Maria Teresa Santos Cunha (2017) que afirma a importância da institucionalização dos arquivos escolares em suas interfaces com a preservação da memória e com o patrimônio cultural histórico educativo. Assim, é

possível aproximar-se dos “mistérios da escola e as incertezas de seus labirintos individuais e coletivos considerados refinados artesanatos”. Nesse sentido, acreditamos na potência dos arquivos escolares também como forma de resistir ao esquecimento, principalmente aquele produzido pela aceleração do tempo, o presentismo, tal qual afirma Hartog (2006).

Referências

- ALMEIDA, Doris Bittencourt; LIMA, Valeska Alessandra de; SILVA, Thaise Mazzei da. A constituição da faculdade de educação/UFRGS em tempos de ditadura militar (1970-1985). **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n.10, jul./dez. 2013. p. 317 - 346.
- ANHEIM, Etienne. Arquivos singulares – o estatuto dos arquivos na epistemologia histórica. Uma discussão sobre A memória, a história, o esquecimento de Paul Ricoeur. In: NEDEL, Letícia e HEYMANN, Luciana (orgs.). **Pensar os Arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, n. 21, São Paulo, p. 9 – 34, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- CÍCERO, Antônio. **Guardar**: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1996
- CUNHA, Maria Teresa Santos. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: Bencostta, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2007.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Acervos Escolares no Tempo Presente. **Revista História da Educação**, v. 18, n.47, 2015
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, A Memória é de Quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da Educação**. Vol. 4 – n. 8. Pelotas: UFPel. Setembro, 2000, p. 141 – 174.
- ESCOLANO, Benito, Agustin. **A Escola como Cultura: experiência, memória e arqueologia**. Editora Alinea: Campinas, 2017.
- FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- GOMEZ, Antonio Castillo. Das mãos ao arquivo. A propósito das escritas das pessoas comuns. **Percursos**, Florianópolis, v.4, n.1, julho 2003.

GOMEZ, Antonio Castillo. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.

GRIMALDI, Lucas Costa.; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. “A TORRE AZUL”: memórias de espaços escolares pelas narrativas de estudantes e professores (1954-1996). **Revista Educação em Questão**, v. 56, n. 48, 17 jul. 2018.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**. Belo Horizonte., v.22, n.36, p. 261-273, 2006.

KETELAAR, Eric. (Des)construir o arquivo. In: NEDEL, Leticia e HEYMANN, Luciana (orgs.). **Pensar os Arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018

KOSELLECK, Reinhard et. al. **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LIMA, Valeska Alessandra de. **O Colégio de Aplicação da UFRGS**: práticas educativas adormecidas entre o arquivo e a memória oral (1954-1981). 2016. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

MAGALHÃES, Justino. Contributo para a história das instituições educativas – entre a memória e o arquivo. In: FERNANDES, Rogério;MAGALHÃES, Justino. **Para a história do ensino liceal em Portugal** – actas dos colóquios do I centenário da reforma de Jaime Moniz(1894 – 1895). Braga: Secção de artes gráficas das oficinas de trabalho, 1999.

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle. HEYMANN, Luciana (orgs.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n.10, 1993, PP.7-28

NÓVOA, Antonio. Apresentação. In: Stephanou, Maria; Bastos, Maria Helena. (Orgs.) **Histórias e memórias da educação no Brasil**. v3 Petrópolis: Vozes, 2005.

PINSKI, Carla Bassanezi. Apresentação. In: PINSKI, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. P. 7-8.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 163 a 198.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares**. Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas, Autores Associados, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación y historia cultural. Posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. Set/out/Nov/dez. 1995.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia de educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287 – 309.

Enviado em: 15.04.2019

Aceito em: 31.05.2019